

EXPERIÊNCIA E SENTIDO COMO PARADIGMAS DA EDUCAÇÃO **EXPERIENCE AND MEANING AS PARADIGMS OF EDUCATION**

André Augusto MAIA

Doutorando em Educação Escolar, pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP (Universidade Estadual Paulista). Atua como Professor de Educação Básica II - Filosofia - Secretaria de Estado da Educação de São Paulo e Professor de Filosofia do Ensino Superior - Centro de Estudos da Arquidiocese de Ribeirão Preto..
E-mail: andrefilosofo2@gmail.com

RESUMO

O artigo se pergunta e pretende refletir sobre a questão da experiência e do sentido como paradigmas da educação. Pensar sobre o par experiência e sentido como fundamentais para a educação não se resumirá, conforme apresentamos, a um encontro com o saber mediado por determinações que não deixam os estudantes experimentarem o acontecimento e a necessidade de parar algumas vezes nas suas vivências. Procuraremos refletir sobre como a experiência contém um significado fundamental na ação educativa, contribuindo para que o estudante pare, veja e reflita sobre si mesmo e sobre o mundo.

PALAVRAS-CHAVE

Experiência. Sentido. Filosofia. Educação.

ABSTRACT

The article asks itself and intends to reflect on the issue of experience and meaning as paradigms of education. Thinking about the pair experience and meaning as fundamental to education will not be summarized, as we present, to an encounter with knowledge mediated by determinations that do not let students experience the event, and the need to stop sometimes in their experiences. We will try to reflect on how the experience contains a fundamental meaning in the educational action, contributing to the student stopping, seeing and reflecting on himself and the world.

KEYWORDS

Experience. Meaning. Philosophy. Education.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, buscamos desenvolver um estudo que intenciona apresentar e materializar reflexões sobre a questão paradigmática e presente na cultura escolar, envolvendo *experiência* e *sentido*. A escola, enquanto espaço de saberes e práticas, tem qual(is) sentido(s)? Que experiências são provocadas nesse espaço?

Cabe acrescentar que utilizaremos, ao longo deste texto, tanto as inquietações e questionamentos decorrentes de nossa atividade docente, com estudantes de ensino médio em uma escola pública estadual, quanto as inquietações decorrentes dos estudos motivados pelas disciplinas propostas pela universidade por conta do doutoramento. Entendemos que essas realidades (experiências nas disciplinas da universidade e experiências da atividade docente) apesar de ocorrerem em espaços e com pessoas distintas, estas últimas em busca de sentidos distintos a partir de suas experiências na escola, não estão sumariamente dissociadas, como se a educação fosse um processo em que conhecimento teórico ou prático estivessem separados das vidas das pessoas.

Diante das preocupações ora expostas, esclarecemos que os questionamentos propostos ao longo do texto, apesar de serem inspirados ora pela disciplina ora pela prática docente, serão organizados de forma a serem fontes de experiência, reflexão e busca de sentido por parte dos educadores que puderem compartilhar da experiência deste artigo.

Tecendo agora considerações sobre a temática proposta “Experiência e sentido como paradigmas da educação”, buscaremos refletir sobre os aspectos singulares da *experiência* e do *sentido* como paradigmas presentes na ação educativa, bem como os desdobramentos desses conceitos.

Organizamos nossas reflexões em três seções: (1) Em busca da experiência, em que buscamos refletir, a partir do conceito de experiência e do enigma do homem primitivo, a respeito da necessidade da experiência como acontecimento; (2) Em busca da experiência e do sentido, em que buscamos aprofundar a primeira seção, sobretudo entendendo o par experiência/sentido a partir da necessidade de *parar* diante da realidade e nos mantermos em constante questionamento e (3) Ver não é sentir?, onde apresentamos uma breve experiência com estudantes, realizada no momento mais agudo do isolamento social no ano de 2020, convidando-os a refletir sobre a

experiência de estarem se comunicando com as pessoas mais próximas, colegas e professores apenas através das telas, e o quão devastador ou esclarecedor esse momento se tornou.

1. EM BUSCA DA EXPERIÊNCIA

Castello e Mársico (2007), ao tratarem do conceito de *experimental*, consideram o aspecto prático de uma atividade repetida inúmeras vezes pelo ser humano e, a partir dessa ação obtemos conhecimento (por ora empírico). Segundo os autores “experimental é, pois, operar sobre o real com o objetivo de conseguir um conhecimento”. (p. 46).

A escrita deste texto seria um bom exemplo dessa definição, afinal o estudante que ora escreve opera sobre a realidade dos textos que apreendeu nas aulas e sobre sua própria realidade enquanto professor e tenta traduzir essas realidades em algo que vai ser lido por outros, levando estes outros a novas reflexões e conhecimentos a serem construídos dentro de suas próprias realidades.

Nesse sentido, irrompe uma experiência educativa, ora para aquele que escreve, ora para o leitor, que confluem para a criação de uma cultura – nesse caso a de refletirem, a partir de realidades distintas, sobre como experiência e sentido são paradigmas da educação. Tecer, através de palavras, um conjunto de signos que podem levar o sujeito a ser mais atento aos sinais da realidade que se lhe apresenta.

Quando o homem começa a se preocupar com a busca de uma consciência da realidade, sobretudo a se perceber dentro desta e identificar que há outros tantos homens querendo fazer o mesmo? Segundo Morin (1979), o homem primitivo, que se reconhece na realidade, o *sapiens*, ao se deparar com o enigma da vida e da morte, elabora rituais para mobilizar-se para enfrentar essa realidade. Trata-se, sem dúvida, de um problema vivo que mobilizará o homem e afetará toda a sua trajetória de vida.

Tanto se ocupa o homem dessa realidade, a ponto de empenhar-se em busca de explicações (a princípios mitológicas-religiosas, mais tarde filosóficas) para dar sentido a essa realidade catastrófica. Assim: “com o *sapiens*, esboça-se, pois, a dualidade do indivíduo e do objeto, elo inseparável, ruptura intransponível, que, depois, de mil maneiras, todas as religiões e filosofias tentariam transpor ou aprofundar”. (MORIN, 1979, p. 104).

Podemos nos perguntar o quanto esse enigma do homem primitivo ainda se faz presente dentro da nossa ação educativa. Num momento, inclusive, em que colhemos todas as consequências de um período de pandemia, mesmo com a suposta sensação de que já podemos voltar à relativa normalidade, deparamo-nos com o mundo real e encontramos inúmeros estudantes que, dada a ansiedade por compreender essa realidade catastrófica, vivenciam uma experiência educativa que *faz de tudo*, menos ser aquela capaz de transformar esse momento em busca de um sentido outro para a vida humana.

Quando dizemos *experiência educativa que faz de tudo*, refletimos sobre o quanto a escola, enquanto lócus de conhecimento e cultura, tem sido apartada deste papel, em detrimento de uma experiência que dissocia homem e realidade, transformando ambos em uma materialidade determinada, a serviço de um estado de coisas que *coisifica* os sujeitos.

A busca pela experiência, aquela que arrebatou e assombrou o homem primitivo diante da incompreensão de sua finitude ainda se faz presente? O quanto realmente temos tempo para a experiência, seja enquanto professores, seja dentro da escola, na nossa ação educativa?

Precisamente refletimos, a partir da filosofia e sua visão educativa, que não nos encarcera numa visão excessivamente técnica e fragmentada dos sujeitos, mas nos dá a abertura necessária para aprofundar-se nessa necessidade de que o ensino e a busca por conhecimento, passam por um tempo e por uma sensibilidade estética (MORIN, 1979) que geram uma afetividade capaz de transformar a nós mesmos e o mundo. Nesse sentido, afirma Larrosa (2011, p. 7): “[...] na experiência, o sujeito faz a experiência de algo, mas, sobretudo, faz a experiência de sua própria transformação”.

Cabe acrescentar que essa busca de experiência não passa pelo determinismo imposto pelas estruturas que materializam o ser humano. Nesse sentido:

[...] falta: “experiência humana”. É esse, exatamente, o termo que Althusser e seus seguidores desejam expulsar, sob injúrias, do clube do pensamento, com o nome de “empirismo”. Os homens e mulheres também retornam como sujeitos, dentro deste termo – não como sujeitos autônomos, “indivíduos livres”, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como interesses e como antagonismos, e em seguida “tratam” essa experiência em sua consciência e sua cultura [...] das mais complexas maneiras [...] e em seguida [...] agem, por sua vez, sobre sua situação determinada. (THOMPSON, 1981, P. 182).

Falta experiência humana – no sentido de que somos levados a considerar tudo e todos numa perspectiva de valor material, passando a pensar sempre nestes termos. Nossa consciência e cultura são materializadas e, conseqüentemente, não mais vivenciamos uma experiência humana dada por uma alteridade, um encontro com o outro, mas por uma ideia preconcebida, ora estabelecida por um critério material.

Refletindo sobre essa falta de experiência humana, poderíamos inferir que nos falta tempo para essa tarefa e que bastaria dedicar mais tempo a isso (seja lendo mais, estudando mais ou ficando mais tempo dentro da escola).

Lembra-nos Larrosa (2002, p. 23) que “cada vez estamos mais tempo na escola [...], mas cada vez temos menos tempo”, uma vez que, diferentemente do homem primitivo, estamos sobrecarregados com inúmeras demandas produtivas, às quais precisamos cumprir no menor tempo possível, numa velocidade que não permite aos sujeitos vivenciarem a experiência de existirem e estarem com outras pessoas em busca de conhecimento.

A busca por experiência num contexto em que os sujeitos estão sobrecarregados demais, “ultra informados, transbordantes de opiniões e superestimados” (LARROSA, 2002, p. 24) parece uma tarefa impossível. E continuará sendo uma impossibilidade enquanto não percebermos a necessidade de romper com esse ciclo de demandas que nos aprisiona, sejam opiniões ou mesmo o desejo de conformar o mundo a si mesmo, egoisticamente.

Entendemos que a escola tem o potencial para realizar este propósito: *parar*. Somos sujeitos inquietos, mas não vivenciamos a inquietude inconformada por entender a própria realidade. Acabamos sendo vencidos por uma ideia de que quanto mais ativos formos, mais mobilizados formos, mais produtivos formos, estaremos num estado de controle de nós mesmos e do mundo, sendo que, na verdade, somos vencidos pelo tempo e não conseguimos fazer a experiência deste tempo como acontecimento.

A escola é lugar de parada e de acontecimento, em que os sujeitos têm a oportunidade de “parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, [...] demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, [...] cultivar a arte do encontro. (LARROSA, 2002, p. 24).

Qual seria o sentido da escola senão como esse lugar para *parar*? Parar e experimentar, livremente, num tempo livre de toda e qualquer determinação que nos materializa, coisifica, nos violenta. O espaço de filosofar, encarar a realidade de frente e experimentar a abertura ao conhecimento, aprofundar-se e demorar-se nesse momento.

2. EM BUSCA DA EXPERIÊNCIA E DO SENTIDO

A busca de experiência – aquela que nos afeta e faz não só buscar conhecimento de mundo, mas nos coloca dentro dos acontecimentos de maneira reflexiva e mais humana – parece concorrer com uma racionalidade que prevê exatamente o inverso. Thompson (1981, p. 183) argumenta que “os homens se aprisionam em estruturas de sua própria criação porque se mistificam a si mesmos.”

É possível experimentar, dar um sentido outro à ideia de homem, que não apenas um sujeito material, consumista, ativo, mobilizado, competente e hábil? Um mundo diferente daquele que é naturalizado a partir de uma materialidade que não permite a experiência?

As perguntas acima são desafiadoras e, ao mesmo tempo, nos ajudam a repensar o quanto estamos presos a um universo de conceitos que nos afastam da busca de experiência e sentido na ação educativa.

A escola reproduz, em boa medida, um estado de ideias que coloniza nossa forma de pensar, constituindo-se num universo:

[...] elaborado e formalizado, um modo de produzir conhecimento que dava conta das necessidades cognitivas do capitalismo: a medição, a externalização [...] do cognoscível em relação ao conhecedor, para o controle das relações dos indivíduos com a natureza e entre aquelas em relação a esta, em especial a propriedade dos recursos de produção. (QUIJANO, 2009, p. 74).

O sentido da educação passa a conter, na modernidade – que pretende validar o capitalismo como única via possível para os indivíduos – os aspectos de controle dos indivíduos e do que se produz dentro da escola, não com vistas a medir o que se aprende, por exemplo, mas com o intuito de impedir que ela seja espaço de experiência e sentido, capazes de subverter as estratégias de controle da realidade em termos econômicos e materiais.

Lembra-nos Thompson (1981) que há uma obstrução dos sentidos, da curiosidade e toda e qualquer manifestação de vida ou de arte são desacreditadas como ideologias. Essa obstrução serve ao propósito de uma educação pensada e determinada para servir ao controle dos indivíduos. A experiência de si e do outro ficam em segundo plano.

O que se aprende na escola então? Dada a obstrução da experiência, qual o sentido de aprender por um caminho que obstrui nosso pensamento? Kohan, analisando a contribuição de Rancière nessa temática, discute o campo semântico do *aprender* a partir do verbo grego *mantháno*, que significa “aprender praticamente, pela experiência, aprender a conhecer, aprender a fazer” (KOHAN, 2003, p. 201).

A partir dessa semântica, entendemos que os gregos viam a aprendizagem como a capacidade de se chegar ao conhecimento por meio da experiência. O sentido contido aqui é muito bonito – e pouco utilizado: o estudante não absorve o conhecimento dado pelo professor, pura e simplesmente e o guarda para si, mas o estudante aprende quando é capaz de fazer experiência a partir de um professor que consegue oferecer sentidos e experiências não determinantes, mas abertas às inúmeras possibilidades de compreensão da realidade.

A experiência oferecida na ação educativa é aquela que foge do determinado, em busca de um sentido outro. Comporta pensar contra uma razão que embrutece e se concentra na figura daquele que só explica e não dialoga (KOHAN, 2003), bem como na construção de uma realidade em que se valorize não só a racionalidade, mas o lugar da subjetividade. Nesse sentido:

[...] as pessoas não experimentam sua própria experiência apenas como ideias, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos [...]. Elas também experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades, como valores ou (através de formas mais elaboradas) na arte ou nas convicções religiosas. (THOMPSON, 1981, p. 189).

A ânsia de controlar o ser humano, tão complexo, contraditório e diverso, por parte das estruturas que o enxergam como ser material, está em boa medida nas concepções de educação da modernidade, que desconsideram essas características humanas e se esquecem de que ninguém tem o direito de modelar pessoas (ADORNO, 2003).

Voltemo-nos ao aspecto explorado anteriormente: o de *parar*. A educação ganhará um sentido outro quando formos capazes de perceber, nos deixar arrebatados pela ideia de que não é possível modelar ou doutrinar ninguém. Sem dúvida aqui temos o importante papel da Filosofia nesse processo, o de questionamento. Se as pessoas estão perdendo a capacidade de fazer experiências, perdendo a vontade de buscar algo que faça sentido, isso não se dá sobremaneira por elas mesmas, mas por um estado de coisas que as quer exatamente assim: desinteressadas, cheias de informação e pouco comprometidas consigo mesmas e com o mundo.

À parte desse movimento de parada e questionamento, o que há na escola? Muita leitura, pouca relação com o texto. Muita atividade, pouca relação com a realidade. Muito movimento, quase nada de transformação. O leitor perguntará: como superar esse estado de coisas?

A mudança passa pelo olhar, pelo diálogo e pela ação. Não se trata, por exemplo, de ler para o estudante um texto filosófico, ou mesmo, de ensinar, a partir de uma experiência bem-sucedida garantindo que o sentido se dará a partir da repetição desta experiência. Trata-se de ajudar o estudante a se ver no mundo, a dialogar com a realidade e agir. Nos lembra Larrosa (2002) que a experiência é uma abertura àquilo que não conhecemos, para aquilo que não podemos controlar, não podemos antecipar. Como professores, temos dado a oportunidade para os estudantes realizarem essa experiência, de ver o mundo sem ser pelos olhos docentes?

3. VER NÃO É SENTIR?

É exatamente a partir da falta de controle que temos sobre a realidade que surge a pergunta do subtítulo. Em meados de maio de 2020, no auge do isolamento social devido à – ainda presente – pandemia de Covid19, fomos apartados do convívio nas escolas. Provavelmente todo educador se perguntou como agiria de tamanha reviravolta naquilo que considerávamos normal: aulas presenciais, escolas lotadas, vidas que se encontravam e experimentavam do lócus escolar para viver, aprender, sentir.

Podemos, inclusive, nos questionar se o *ensino remoto*, mecanismo imposto como medida necessária diante do distanciamento social, seria a cartada final para que o professor seja *deletado*, precarizado ainda mais num sistema educacional que entende o professor como um incômodo.

Como nossos pensamentos evoluem e, em contrapartida, nossas experiências são sempre importantes para que não nos conformemos neste estado de *apagamento*, convidamos alguns estudantes a refletirem, mesmo à distância, através de textos ou áudios gravados, sobre a pergunta: *ver não é sentir?*¹

Intencionamos provocar os estudantes a dar sentido àquilo que estavam vivenciando. A estratégia, simples, mas potente, fez com que o estudante, apartado da presença na escola, pudesse

¹ Os estudantes participaram da atividade através de meio remoto, enviando sua reflexão por aplicativo de mensagens ou correio eletrônico e concordaram em terem seus nomes publicados neste artigo.

pela palavra escrita ou falada, expressar seus sentimentos. A indagação, apesar de ter recebido inúmeras respostas, como apresentaremos um recorte abaixo, continha uma ideia por detrás. Afinal, ver o professor, os colegas, as pessoas familiares através de uma tela de um smartphone ou de um computador, é o mesmo que estar com as pessoas e sentir sua presença?

Para sentir é preciso tocar, assim como se toca uma canção suas notas, adjetivos, versos e verbos, é essa música que nos traz o sentir. Mas só tem sentido o tocar de uma canção se for tocada para alguém, portanto, ver é sentir quanto tocamos e tocar se faz fisicamente. Podemos até olhar um músico com seu instrumento, ouvir as batidas das notas musicais e perceber a canção passando pelos sentidos da audição e da visão, mas só sentimos o arrepiar da pele e o pulsar do coração quando a canção “toca” a nossa própria alma, porque “ver não é sentir”. (Carlos Alexandre Barbosa).

Foi a solidão que fez eu me sentir sozinho. Compreendi então a importância de amar e ser amado, do contato entre os seres, não somente pelo corpo, entre as almas. A boa prosa junto a construção de ideias e sensações, eu nasci para construir. Beije das bocas, as melhores, bebi das mais fortes bebidas jurando estar feliz. Entretanto não provei da empatia, da filosófica sensação de ser amado e mais importante que isso, amar. O que me restou foi a saudade. De pessoas, lugares, momentos, lembranças e principalmente de mim mesmo, do melhor que eu pude ser, do que um dia eu fui. Em suma, tudo que vem acontecendo foi de extrema importância, apesar de tudo. Cada um de nós vive uma experiência diferente, com visões diferentes do mesmo problema. Que o aprendizado faça valer a pena essa tempestade e que a bonança justifique toda essa escuridão. Espero que o abraço, o beijo e a presença sejam mais valorizados no fim disso tudo. (Igor Felipe André).

Está aí um tema que nos tira da zona de conforto. Diante tudo isso que estamos passando, acredito que ver é sentir. Vemos nossa família por chamadas de vídeos, por ligações, *lives* e mensagens de texto. Quando vemos tudo isso sentimos de longe a saudade, o amor, a alegria, mas sabemos que isso está longe de chegar perto de ser bom ou até mesmo comparado com a realidade, afinal, nada supera o toque. Mas, mais do que esses sentimentos, vemos o medo, a angústia, a ansiedade. Quando vamos ao mercado, vemos todo mundo desesperado, com medo, usando roupas especiais, luvas, máscaras. Dizem que vemos o que queremos, mas numa situação igual a essa, como manter a calma e olhar o lado bom? Estamos vendo de tudo, de *lives* divertidas para distrair até notícias avisando que o vírus está cada vez mais próximo. Quando andamos na rua, vemos no olhar de todos a incerteza do amanhã. Essa é a hora de vermos as coisas além de nós mesmos. (Lara Ribeiro).

Das experiências que tiramos desse momento limite, talvez o aspecto da ausência e distância física seja o mais devastador. Não tínhamos percebido, até então, a importância do contato com o estudante e do diálogo próximo. Nem mesmo do quanto as perguntas que propusemos enquanto educadores podem ser fundamentais para provocar as mais belas experiências e ajudar os mais jovens a se perguntarem sobre o sentido das suas próprias vidas.

Resta saber se a experiência do distanciamento dado pelas aulas remotas ficará como uma mostra do quanto necessitamos de uma educação com o contato com o outro ou nos manteremos

conformados com o apagamento proporcionado, sendo nós mesmos e os estudantes determinados por um estado de coisas que não nos deixa experimentar, pela filosofia ou pela educação, de um momento fundamental: refletir sobre si mesmo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ação educativa, inspirada pela filosofia, é capaz de ganhar um sentido outro quando se pretende não determinante, incentivadora do questionamento e, sobremaneira, da necessidade do outro, do diálogo, da presença, do sentir.

Para além da razão explicadora (KOHAN, 2003), o professor de filosofia precisa ir ao encontro dos seus estudantes, praticando a escuta; não apenas simpatizar, mas desejando *fazer experiência* junto com o outro.

A esse modo de ser, poderíamos contra-argumentar que o período de isolamento social não permitiu experiências, uma vez que não estávamos próximos dos estudantes. Porém, quantas vezes não presenciamos distanciamentos que já se faziam realidade antes mesmo do contexto de pandemia, sobretudo se considerarmos que, no contexto escolar, a razão determinante passa por outros atores que não professores e estudantes?

Nesse sentido, ao perguntarmos aos estudantes se “*Ver não é sentir?*”, não só intencionávamos a reflexão sobre os sentidos possíveis para aquele momento. Tratou-se de uma oportunidade de reflexão sobre o quanto a experiência humana, especialmente nas situações-limite, está permeada pela necessidade de questionamentos sobre o sentido do que fazemos, do que somos e do que vivenciamos.

As reflexões que ora produzimos neste artigo não se pretendem determinantes, assim como a vida não deve ser pautada a partir das determinações. Ou seja, a experiência filosófica na escola é capaz de nos ajudar a perceber a necessidade do encontro, da palavra, da escuta e da afetividade como fundamentais para todo e qualquer educador que pretenda pensar a educação e sua singularidade.

Diante dessa singularidade resta-nos pensar que cada professor e que cada estudante é único. As experiências feitas por professores e estudantes são únicas e plurais, afinal não poderíamos nos embrutecer e esperar que todos sejam iguais, que pensamentos e ações sejam unificados e colonizados em torno de uma receita a ser seguida infalivelmente. Pensamos que todo

conhecimento construído em torno da educação e da filosofia comporta a busca de experiências plurais e sentidos construídos a partir do diálogo. Entendemos que a abertura para essa pluralidade poderá dar um sentido outro àquilo que chamamos de ação educativa.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. *Educação e Emancipação*. Tradução: Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

CASTELLO, Luis A. MÁRSICO, Claudia T. *Oculto nas palavras: dicionário etimológico para ensinar e aprender*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

KOHAN, Walter Omar. *Infância de um ensinar e aprender (J. Rancière)*. In: KOHAN, Walter Omar. *Infância. Entre educação e filosofia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 181-205.

LARROSA, Jorge. *Experiência e alteridade em educação*. Revista Reflexão e Ação. Santa Cruz do Sul, v. 19, n.2, p. 4-27, jul./dez. 2011.

_____. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Revista Brasileira de Educação, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

MORIN, Edgar. *O enigma do homem*. Tradução: Fernando de Castro Ferro. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

QUIJANO, Anibal. *Colonialidade do poder e classificação social*. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. MENESES, Maria Paula (orgs.) *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina, 2009.

THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria*. Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.



MAIA, André Augusto. EXPERIÊNCIA E SENTIDO COMO PARADIGMAS DA EDUCAÇÃO. *Kalagatos*, Fortaleza, vol.19, n.2, 2022, eK22027, p. 01-11.

Recebido: 06/2022

Aprovado: 07/2022